



### **O que a Covid-19 está mostrando sobre a pecuária no mundo e no Brasil**

Alessandra Matte via GEPAD em Quarentena, 30 de março de 2020.  
Professora e Pesquisadora na UTFPR Santa Helena

Nos últimos anos a atividade pecuária, entendida como a criação de animais (bovinos, ovinos, caprinos, etc.), tem sido responsabilizada como uma das principais promotoras de intensificação do efeito estufa, implicando diretamente sobre o aquecimento global e, em consequência, tratando-a de forma generalista e anulando a diversidade de formas que é praticada ao longo do território brasileiro e global. Nas últimas semanas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem informando e orientando medidas para a atual situação de pandemia, causada pelo COVID-19 (Coronavírus). Isso resultou em medidas restritivas como fechamento de estabelecimentos comerciais e de atividade industrial em diferentes países, bem como a consequente redução do trânsito nos grandes centros urbanos principalmente, com o propósito de preservar as pessoas e impedir a propagação do coronavírus.

Um dos resultados registrados globalmente, como consequência desse processo, é a diminuição de emissões de gases poluentes, especialmente pela drástica redução das emissões de dióxido de carbono ( $\text{CO}_2$ ), produto da queima de combustíveis fósseis. Esse resultado nos permite questionar a afirmação inicial, em que mormente a responsabilidade pelo aquecimento global é atribuído à pecuária, atividade produtiva que precede a existência da indústria em grande escala e que é realizada majoritariamente por pequenos produtores. O argumento que atribui à pecuária e, consequentemente, a todos os produtores rurais que realizam criação de animais, a responsabilidade pelo aquecimento global está pautado nas emissões de gás metano ( $\text{CH}_4$ ), gerado no processo de digestão dos animais domésticos. No entanto, vale lembrar que a emissão desse gás também resulta da decomposição da matéria orgânica, fruto de aterros sanitários, lixões e reservatórios de hidrelétricas. Seguindo tal linha de argumentação, não é somente a pecuária que deve ser contabilizada pela emissão de gases de efeito estufa.

Nesse contexto, vale lembrar que segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo dependem da pecuária e 70% dos 880 milhões de pobres em áreas rurais – que vivem com menos de um dólar por dia – dependem, pelo menos parcialmente, da pecuária para sua subsistência. Ou seja, boa parcela das famílias no meio rural brasileiro que, nesse momento também estão em isolamento, têm alimentação

assegurada justamente por essa mesma pecuária acusada de poluente. **No Brasil, 78,9% dos mais de 5 milhões de estabelecimentos rurais realizam criação pecuária, 77,1% (3.089.452) desses caracterizam-se como de agricultura familiar**, conforme dados disponibilizados a partir Censo Agropecuário 2018, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em que pese a crítica que é outorgada à pecuária, o que estamos vendo no momento em que o mundo para, em boa medida, suas atividades industriais e de transporte, é o declínio da poluição do ar e a redução de uso de recursos finitos como principais combustíveis que emitem dióxido de carbono, impactando diretamente sobre a camada de ozônio e o aquecimento do planeta. **O momento reforça a insustentabilidade do atual modelo capitalista industrial, que tem, constantemente, mascarado suas práticas com selos e fachadas sustentáveis**, no intuito de atender sociedades mais críticas e atentas ao modo de produção e de processamento dos alimentos.

Essa situação levanta questões aos consumidores: não comer carne e produtos de origem animal de fato é uma ação de combate ao aquecimento global? Ou o caminho seria a adoção de outras atitudes cotidianas, como, por exemplo, reduzir o consumo de alimentos ultraprocessados, contribuindo, assim, para práticas de produção e processamento mais efetivas de combate ao aquecimento global?

A uma oportunidade nesse cenário, que consiste em reconhecer os inúmeros serviços ambientais prestados por muitos produtores rurais, mas não sua totalidade, verificando a identidade do produto de origem animal consumido e a própria condição de opção (liberdade) de escolha que realmente temos (ou não) em saber de onde vem o que comemos. É essencial que ações sejam criadas no intuito de fornecer informações aos consumidores, para que aqueles que consomem carne e subprodutos de origem animal possam o fazer de forma mais consciente possível.

Nossas opções de escolha sobre o tipo de carne que consumimos está restrito, apesar do expressivo número de produtores rurais familiares que realizam a atividade pecuária no país. Evidenciando nossa dependência dos circuitos industriais que desenvolvem formas de pecuária confinadas, intensivas e integradas. O desafio para pensar o abastecimento de alimentos de origem animal com outros atributos de qualidade e com valorização das formas familiares de produção, perpassa por mudanças em nossos hábitos de compra, buscando outros canais de compra, como feiras e grupos de consumo. Esse último, em ascensão nesse período de confinamento social. **É nosso papel e responsabilidade informar o que as pessoas estão comendo do mesmo modo que é sensato que, ao menos para quem pode fazer escolhas em relação aos alimentos, que se questione a origem do que coloca sobre a mesa.**

Há muitas lições além desta que procurei sistematizar aqui neste texto, que ainda estamos aprendendo com a situação que diferentes países do mundo se encontram. Não quero ser alarmista, mas da maneira como estamos produzindo parcela significativa de nossos alimentos e o contínuo descaso com o impacto ambiental e para a saúde da população que essa forma de produção gera, é possível vislumbrar que muitas outras pandemias virão no futuro. Para finalizar, esclareço que as ideias aqui apresentadas têm o propósito de gerar reflexões e desconfortos. O momento exige isso. Mas, passada essa crise, o que cada um de nós pode fazer

para realmente agir contra o aquecimento global? A quem devemos/podemos cobrar?

Pec. Leite França



Pec. Ovina França



Pec. Leite Itália



Pec. Leite Sergipe



Pec. Ovina RS



Pec. Bov. RS



Pec. Suína RS



Pec. Leite França

